

---

**CONFERÊNCIA**

---

## Gênero e identidade na historiografia •

Eni de Mesquita Samara  
USP

### I. APRESENTAÇÃO

Pensar em Gênero e Identidade conjuntamente significa tentar discutir um tema que em função da sua complexidade, exige o seu entendimento de vários níveis de reflexão e análise. Isso se deve, primeiramente, ao fato de estarmos elaborando as relações entre os sexos na sua perspectiva cultural, e os seus significados específicos para a América Latina o que, em síntese, pressupõe uma reflexão sobre a “diferença”, nas práticas cotidianas, na elaboração do discurso, no processo de socialização e na construção da identidade social de gênero.

Assim, é preciso que juntemos de uma só vez todas as peças do que pode parecer um quebra-cabeças, mas que resulta na visualização teórica das relações entre os sexos, que nada mais são do que formas de representação cultural do nosso processo de socialização.

Significa entendermos, além disso, que estamos elaborando o conceito da diferença como algo dinâmico o que pode modificar interpretações de grandes temas históricos. E hoje os historiadores, bem como os pesquisadores em geral, têm que estar alertas às mudanças sociais e também à noção de pluralidade.

Logo, é preciso estar atento às diferenças entre homens e mulheres, entre gênero e raça, entre gênero e classe, entre gênero e cultura, compreendendo por exemplo, que “identidade” é um conceito dinâmico e que muitas vezes o conceito de gênero é construído diferentemente nas diversas classes sociais. E é partindo desse quadro de preocupações que propomos discutir gênero e identidade na historiografia.

---

\* Conferência proferida no dia 23 de julho de 1996.

## 2. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL DE GÊNERO

O debate recente sobre a mulher e a família na historiografia latino-americana, nos remete a um ponto crucial das relações entre os sexos, ou seja, o da construção social da identidade de gênero.

Após os anos 70, a bibliografia produzida sobre o assunto, desde que vista em seu conjunto, forneceu contribuições importantes, apesar de ainda serem raros os estudos que discutem gênero e relações de gênero no contexto da sociedade como um todo.<sup>1</sup> Isso se deve principalmente à natureza das pesquisas desenvolvidas, que tem se preocupado mais com o específico deixando de lado as análises comparativas e ao longo do tempo. Tal fato pode ser entendido como um processo cumulativo e natural na formação de áreas novas do conhecimento carentes de metodologia e de informação.

Com a incorporação da categoria "gênero" nas análises historiográficas e a "criação do fato histórico", a História de Mulheres ganhou historicidade.<sup>2</sup> Cúmplices desse processo, historiadores e cientistas sociais em geral engendraram métodos e terminologia próprias de análise, advogando em favor das visões de conjunto e dos estudos comparativos. Não esqueceram, entretanto, de frisar que chegar ao significado histórico da participação feminina requer especial atenção quanto a sua singularidade.<sup>3</sup>

Os trabalhos referentes à América Latina, defrontaram-se com essa problemática, dada a diversidade cultural e lingüística que aqui encontramos, se considerarmos os diferentes povos que compõem essa parte do continente. Visto sob essa perspectiva, o termo "América Latina" serve, às vezes, mais para obscurecer do que para iluminar o entendimento do conjunto de países e territórios, situados entre o Rio Grande e a Terra do Fogo. A semelhança disso, rapidamente descobre-se que fica difícil traçar um perfil único de uma "mulher

---

<sup>1</sup> Ver Kuznesof, Elizabeth Anne, "Sexuality, Gender and the Family in Colonial Brazil", *Luzo-Brazilian Review*, vol. 30, nº 1, summer 1993, pp. 119-132; Samara, Eni de Mesquita, "La mujer en la historiografia latinoamericana reciente", in: Sanchez, Jorge Nuñez Ed., *Historia de la Mujer y la Familia*, Quito, Ed. Nacional, ADHILAC, pp. 153-170.

<sup>2</sup> Ver Scott, Joan W. "Gender: a useful category of Historical Analysis", *American Historical Review*, 91:5, Dec. 1986.

<sup>3</sup> São inúmeros os estudos modelares que surgiram recentemente dedicados ao estudo da condição feminina e dentre eles poderíamos lembrar: O' Brien, Mary, *Reproducing the world: Essays in Feminist Theory*, Boulder, Westview Press, 1989; Kleinberg, S. Jay, ed., *Retrieving Women's History: changing perceptions of the role of women in Politics and Society*, Oxford, Berg Publishers Limited, 1988, além do trabalho clássico de Tilly, A. Louise and Scott, Joan W., *Women, work and family*, New York, Holt, Rinehart and Winston, 1978.

latino-americana" se considerarmos os fatores tempo e lugar, classe, raça, idade e estado civil entre inúmeros outros que são fundamentais quando falamos em mexicanas, brasileiras, argentinas etc.<sup>4</sup>

A compreensão dessa diversidade é um primeiro passo na crítica à construção dos estereótipos, o que não significa que devemos atomizar, se considerarmos que a análise histórica permite comparar e visualizar mudanças ao longo do tempo, preservando as nuances da individualidade.<sup>5</sup>

Ponderações desse tipo estão presentes na maior parte dos autores dedicados ao estudo da condição feminina na América Latina nos últimos anos. As contribuições mais recentes, por sua vez, avançam em questões que iniciaram há algumas décadas atrás, os estudos da mulher e da família, na discussão do feminismo, das relações de gênero e na construção social da nossa identidade como mulheres.

A preocupação em criar o "fato histórico" com a inclusão das mulheres nos processos em curso, está muito presente entre os autores. A idéia da visão masculina das ciências em geral, prejudicando a compreensão do significado histórico da participação feminina, vincula-se a esse ponto e está muito clara nos estudos que aparecem entre as décadas de 60 e 70. Basta lembrar entre muitos outros, o livro de Sheila Rowbotham, *Hidden from History, rediscovering women in History from the XVIIth century to the present*, com 1ª ed. em 1973 que, ao tratar da opressão feminina, circunscrita ao trabalho doméstico mostra que não impediu a sua presença em inúmeras outras atividades.<sup>6</sup>

Nessa fase, são inúmeros os escritos sobre o trabalho feminino e a "predestinação" das mulheres, como o de Caroline Bird, *Born female*<sup>7</sup>. Soma-se a isso, o resgate da memória, nas falas sobre o silêncio dos arquivos, os segredos dos sótãos e as salas de visitas da História. Imagens e cenários típicos da vida das mulheres no passado, alternam-se com as discussões sobre a formação dos grandes arquétipos e estereótipos. Neste ponto, os liames com a construção social da identidade de gênero ficam claros.

Por tradição dessa fase, tudo deve ser recapturado, no reencontro com as imagens fugidias, recônditas, buscadas também na literatura e nas memórias. Trabalhos como os de Ann Pescatello e Jane Jaquette foram modelares e

---

<sup>4</sup> Ver Miller, Francesca, *Latin American Women and the search for Social Justice*, London, University Press of New England, 1991.

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Rowbotham, Sheila, *Hidden from History*, New York, Vintage Book, 1976.

<sup>7</sup> Bird, Caroline, *Born female*, New York, Pocket Books, 1969.

motivadores de inúmeros outros estudos que usaram o romance como fonte histórica.<sup>8</sup>

Ann Pescatello preocupa-se com arquétipos e estereótipos construídos sobre a mulher latino-americana e acredita ser a literatura uma fonte que fornece os símbolos para a compreensão do real. Sua análise prende-se ao Brasil dos séculos XIX e XX e aos romances de Machado de Assis e Jorge Amado. Ali, busca encontrar os diferentes perfis de mulheres brasileiras, descritos nas obras de autores não literários como Gilberto Freyre, por exemplo, e verificar mudanças e continuidades ao longo tempo.

Na verdade, o que a maior parte dos textos analisados sugere como a grande questão sobre a mulher latino-americana é o problema da sua identidade, entendendo como essencial examinar os papéis sociais, a partir dos conflitos entre imagens e realidade, ou seja, o que as mulheres pensam que são e são verdadeiramente.<sup>9</sup> Outro problema está vinculado às dificuldades encontradas pelas latino-americanas com o processo de modernização.

Imbricando nesses pontos os autores voltam-se para o processo de socialização e o papel da mulher como transmissora da cultura. É motivo de forte polêmica, desde que visto na perspectiva da introjeção de valores tradicionais por parte das mulheres, que acabam por transmitir-los aos próprios filhos e membros da família. Stevens elabora o tema a partir do "marianismo", considerado a outra face do "machismo" na América Latina. Apropriando-se do "machismo" na consecução dos seus próprios interesses, as mulheres latino-americanas tornaram-se beneficiárias desse mito. Essa perspectiva, sem dúvida, reelabora o discurso e retira a mulher da condição de vítima.<sup>10</sup>

A imagem de uma mulher latino-americano passiva e submissa foi em princípio o indicador para a pesquisa realizada no final dos anos 60 pela cientista-política Evelyn Stevens, partindo do pressuposto que as mulheres latino-americanas se sentiam mais confortáveis em seus papéis que as anglo-saxãs. Escrevendo esse texto nos inícios da década de 70, conclui também a autora que o marianismo ainda persistia na América Latina como um traço cultural, pois as

---

<sup>8</sup> Pescatello, Ann, "The Brazileira: images and realities in the writings of Machado and Jorge Amado" in Pescatello, Ann, ed., *Female and Male in Latin America*, University of Pittsburgh Press, 1973, pp. 29-58; Jaquette, Jane S., "Literary archetypes and female role alternatives: the woman and the novel in Latin America", idem, pp. 3-29. Ver também Flora, Cornelia Butler, "The passive female and social change: a cross-cultural comparison of women's magazine fiction", idem, pp. 59-87.

<sup>9</sup> Ver Pescatello, *Male and Female*, p. XI.

<sup>10</sup> Stevens, Evelyn, "Marianismo: the other face of machismo in Latin America", in: Pescatello, Ann, op. cit., pp. 89-103.

mulheres não usariam o seu voto em bloco para tornar o divórcio mais acessível, para abolir a discriminação sexual (especialmente o tratamento preferencial das mulheres) ou para se imporem os ônus das tarefas tradicionalmente reservadas aos homens.

Os vínculos entre o feminismo latino-americano e o tradicionalismo são próprios dessa discussão. Nesse olhar, inclui-se o livro de Lynn Stoner, onde o feminismo cubano é visto nos seus liames com valores tradicionais de feminilidade e rejeição a igualdade de gênero. Para Stoner, em Cuba os códigos da dominação masculina eram muito fortes e um dos aspectos da cultura cubana que mais afetava a vida das mulheres. Isso, sem dúvida, deveria ter sido uma grande preocupação das feministas e na verdade não ocorreu, estando mais preocupadas com as reformas sociais (bem estar, saúde e prosperidade). No caso específico de Cuba entende-se que as mulheres "em seus respectivos papéis" eram necessárias e importantes ao progresso social.<sup>11</sup>

Essa idéia associa-se a inúmeros outros contextos e discursos, analisados pelos autores preocupados com a construção da identidade social e o papel atribuído às mulheres nas sociedades em geral. A questão da "natureza feminina", resgatada a partir do fator biológico, a aceitação da maternidade e os diferentes papéis impostos aos sexos no processo de socialização foram reelaborados em várias perspectivas a partir da produção feminista dos anos 60.<sup>12</sup>

Em bloco as estudiosas da condição feminina na década de 60 preocuparam-se com o processo de socialização que via sempre a mulher em relação ao homem. Caroline Bird no capítulo 7 do seu livro, onde analisa o "Masculinismo" cita logo a princípio um trecho de Rousseau em Emile: "The whole education of women ought to be relative to men, to please them, to educate them when young, to care for them when grown, to counsel them, and to make life

---

<sup>11</sup> Stone, Lynn, *From the House to the Streets, the Cuban Woman's Movement for Legal Reform, 1898-1940*, Durkam, Duke University Press, 1991.

<sup>12</sup> Oakley, Ann, *Women's work, the housewife, past and present*, New York, Vintage Books, 1974. Friednan, Betty, *The feminine mystique*, 10th ed., New York, Dell Publishing 1974; Badinter, Elizabeth, *Um amor conquistado, o mito do amor materno*, tradução de Waltensir Dutra, 4ª ed, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985; Badinter, Elizabeth, *L'un est l'autre*, Editions Odile Jacob, 1986; Andelin, Helen B., *Fascinating Womanhood*, Santa Barbara, Pacific Press, 1975; Chaney, Elsa M., *Supermadre, La mujer dentro de la política en América Latina*, México, Fondo de Cultura Económica, 1983; Gornick, Vivian e Moran, Barbara K. (eds), *Woman in sexist society, studies in power and powerlessness*, New York, Basic Books, 1971; Bird, Caroline, *Born Female, the high cost of keeping women down*, 4th ed., New York, David McKay, 1974, apenas para citar alguns dos inúmeros trabalhos que existem nessa linha de preocupações.

sweet and agreeable to them".<sup>13</sup> Para os "masculinistas", acreditar que o lugar da mulher é na casa, e que o seu papel e trabalho derivam da sua anatomia era, e talvez ainda seja fundamental. Mas e as mulheres, como se articulam e o que pensam da "cultura da opressão"?

Assim, espaços e papéis prescritos por Códigos de Leis e práticas reguladoras de comportamentos foram exaustivamente analisados pelos autores dedicados ao estudo da condição feminina no passado.<sup>14</sup> Extremamente sensíveis a esse respeito são os estudos sobre o cotidiano da vida das mulheres e a recuperação dos papéis informais. O conjunto dessa produção evidenciou as distâncias entre a norma e a prática social, estabelecendo as diferenças de comportamentos e estratégias entre as mulheres em função de classe e raça. Isso gerou o contraponto, rompendo com a visão estereotipada sobre a condição feminina no passado, mostrando que nem sempre as mulheres se adequaram aos papéis prescritos na norma.<sup>15</sup>

Revedo essa questão, estudiosos nos anos 70 e 80, no caso específico do Brasil percebem com clareza que entre os próprios cientistas sociais, existe a tendência a definir em termos funcionalistas, o domínio do feminino como o reverso da cultura masculina, o que, sem dúvida, dificulta o entendimento da individualidade feminina como personagens históricas.

Por outro lado, mesmo nos trabalhos que procuram analisar o domínio do feminino, persiste o interesse pelo simbólico e pelas alegorias da "condição feminina" ou os estudos dos mitos, que pertencem ao campo da erudição, das tradições do literário e se alimentam uns aos outros num círculo vicioso que não se rompe. Falta a vinculação a um contexto histórico específico, passo importante para sair do ideológico e mostrar as mulheres como seres sociais que integram sistemas de poder, redes de dominação e laços de vizinhança. O que o processo histórico revela, modifica o domínio dos mitos e das normas culturais. Desvenda, assim, os espaços femininos conquistados e não prescritos.<sup>16</sup>

Silva Dias chama esses papéis de informais, mostrando que no sistema colonial brasileiro são pouco valorizados mas importantes no processo concreto da

---

<sup>13</sup> Bird, Caroline, op. cit., p. 126.

<sup>14</sup> São inúmeros os trabalhos com relação a diferentes países e momentos da nossa História.

<sup>15</sup> Com relação ao Brasil ver entre outros Silva Dias, Maria Odila, *Quotidiano e Poder*, São Paulo, Brasiliense, 1984; Russell-Wood, A. J. R., "Women and Society in Colonial Brazil". *Journal of Latin American Studies*, nº 9; Kuznesof, Elizabeth Anne, *Household economy and urban development, São Paulo 1765-1836*, Boulder, Westview Press, 1986 e Samara, Eni de Mesquita, *As Mulheres, o Poder e a Família*, São Paulo, Marco Zero, 1989.

<sup>16</sup> Silva Dias, Maria Odila, op. cit., pgs. 28 e 29.

vida cotidiana, por estarem ligados ao consumo e à distribuição dos gêneros alimentícios.

Ao definir essas distinções entre a norma e a prática, essas análises avançaram na discussão sobre a singularidade da inserção das mulheres nos processos históricos em curso, entendendo que o fato de não participarem da História Política e Administrativa não diminuiu a importância do papel que desempenharam a exemplo dos outros segmentos sociais marginalizados.

A participação política das mulheres assim como os espaços femininos têm sido amplamente discutidos em textos modelares de Michelle Perrot.<sup>17</sup> Especificamente no caso da América Latina foi objeto de duas coletâneas primorosas publicadas na década de 70 por Ann Pescatello, *Male and Female in Latin America* e Asunción Lavrin, *Latin American Women*.<sup>18</sup> Ainda no final dos anos 70, Elsa Chaney enfrenta a questão em *Supermadre, Women in Politics in Latin America*. Chaney, professora-associada de Ciências Políticas da Fordham University inicia o seu livro examinando os porquês da ausência feminina dos meios de decisão, não só na América Latina mas no mundo em geral, concluindo que a maternidade teve muita influência na natureza das suas atividades políticas.<sup>19</sup>

Essa afirmativa é verdadeira, se pensarmos nos trabalhos que tratam mais especificamente da questão dos direitos da mulher e acesso à cidadania. Nesse longo percurso de lutas e conquistas das mulheres latino-americanas, as pesquisadoras preocuparam-se com as diferentes versões do feminismo na América Latina e as percepções das próprias mulheres a esse respeito. Hahner, volta-se também para a visão masculina do feminino, concentrando-se no caso do Brasil. A maternidade, por sua vez, é vista na perspectiva dos seus elos com progresso e patriotismo.<sup>20</sup>

As abordagens deixam claro, além disso, que na luta pela conquista de direitos e acesso à cidadania plena, através do sufrágio, as mulheres tiveram que atrelar as suas causas a questões sociais mais amplas. Sendo assim, articularam-se

---

<sup>17</sup> Perrot, Michele, *Os Excluídos da História*, São Paulo, Paz e Terra, 1988.

<sup>18</sup> Pescatello, Ann, op. cit., e Lavrin, Asunción Ed., *Latin American Women*, Westport e Greenwood Press, 1978.

<sup>19</sup> Chaney, Elsa, op. cit.

<sup>20</sup> Hahner, June, *Emancipating the Female Sex, the struggle for Women's Rights in Brazil, 1850-1940*. Durkam, Duke University Press, 1990. Ver também Samara, Eni de Mesquita, "Feminism, social justice and citizenship in Latin America", *Journal of Women's History*, vol. 6, nº 2, Summer, pp. 135-143.

com líderes e partidos políticos que na verdade não eram sensíveis as suas causas ou não tinham interesses similares.

Além da problemática da diversidade cultural, os autores defrontam-se com as variáveis raça e classe no entendimento do feminismo. Nesse bojo, é vista a questão da educação feminina e do maior acesso às idéias feministas entre as mulheres "educadas" e pertencentes às camadas sociais mais altas. Miller, ponderando sobre o assunto considera, no entanto, que as normalistas formaram na América Latina, um dos primeiros grupos articulados e aptos a realizar uma crítica social. E provinham dos setores médios da sociedade.<sup>21</sup>

Raça e classe, também estão presentes nos estudos dedicados à família. A importância desses trabalhos para a análise da condição feminina no passado é fundamental, pois foram pioneiros na pesquisa sobre o papel da mulher na família e na sociedade. Coletando extensa bibliografia e fontes documentais, levantaram questões vitais no processo recente de revisão da história brasileira. Assim, pôde ser reelaborado a partir de perspectiva regional, temporal e de classe o modelo patriarcal de família brasileira, considerado como único e válido exemplo para a sociedade como um todo.<sup>22</sup> Como resultado dessas diferenças, mulheres atuantes, chefes de domicílios e de negócios emergiram como contraponto à mulher branca de elite, ociosa e deitada na rede a gritar com seus escravos. A sexualidade feminina, foi vista sob o prisma das proles ilegítimas e das uniões esporádicas e costumeiras, que iam ao sabor dos acontecimentos ao contrário dos casamentos que representavam mais interesses familiares do que aspirações pessoais.

As uniões mistas e a formação de famílias de escravos e libertos foram pontos importantes e acrescentaram inúmeras questões novas nos estudos recentes sobre o escravismo. Além disso, trataram de entender as formas de acumular riqueza e de transmitir o patrimônio. Com o dote foi possível verificar que, muitas vezes, as filhas foram privilegiadas no recebimento da herança familiar em detrimento dos filhos que aguardavam as respectivas legítimas na divisão do monte.<sup>23</sup>

Esse é, em síntese, o núcleo de preocupações que orientaram até hoje, a discussão da condição feminina na América Latina que procuramos nuançar, a partir de várias tendências e vertentes, que hoje vistas já a uma certa distância,

---

<sup>21</sup> Miller, op. cit., p. 71

<sup>22</sup> Ver a respeito do modelo patriarcal Correa, Marisa, "Repensando a Família Patriarcal", in *Colcha de Retalhos*, São Paulo, Brasiliense, 1982, pp. 13-38 e Samara, Eni de Mesquita, *A família brasileira*, 4ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1994.

<sup>23</sup> Ver a respeito Nazzari, Muriel, *Disappearance of the Dowry*, Stanford, Stanford University Press, 1991.

---

enriquecem e permitem avançar pontos fundamentais na História das Mulheres Latino-americanas.

Trabalhando com a questão da diferença e entendendo o processo da construção da identidade como algo dinâmico permitem elaborar melhor as questões culturais que incidem nas relações entre os sexos.

### 3. PONDERAÇÕES FINAIS

Diante desse quadro de preocupações levantado a partir das questões apontadas pela bibliografia já é possível chegar a algumas considerações preliminares sobre a condição feminina e as relações entre os sexos no conjunto da América Latina.

Em primeiro lugar, é preciso ressaltar que apesar das tradições culturais comuns é impossível traçar um perfil único para a mulher latino-americana. Sendo assim, é necessário, nas pesquisas sobre gênero, estar atento às “diferenças”, tendo, também, sensibilidade para entender as semelhanças.

Um exemplo disso é o próprio feminismo latino-americano que difere do norte-americano e está atrelado aos conceitos de feminilidade e maternidade. Além disso, é preciso entender as condições históricas em que deu-se esse movimento na América Latina, o que gera o contraponto e a diferença.

Há que se ter bem claro também, que o conceito de gênero, bem como, o de identidade está na dependência das variáveis *raça* e *classe*, o que aparece na análise das “vozes feministas”, a partir da sua procedência e entendidas para a América Latina, como indivíduos e não como representantes de grupos.

Finalmente, é importante ressaltar a necessidade de realizarmos estudos comparativos que vão nuançar as diferenças, mas, ao mesmo tempo, realçar e permitir o entendimento dos pontos em comum, das nossas identidades tão importantes para nós pesquisadores homens e mulheres olharmos o nosso presente e refletirmos sobre o nosso passado.

### 4. BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

- ANDELIN, Helen B. *Fascinating Womanhood*. Santa Barbara: Pacific Press, 1975.
- BADINTER, Elizabeth. *L'un est l'autre*. Editions Odile Jacob, 1986
- \_\_\_\_\_. *Um amor conquistado, o mito do amor materno*. (tradução de Waltensir Dutra). 4ª ed, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BIRD, Caroline. *Born Female, the high cost of keeping women down*, 4th ed., New York: David McKay, 1974.
- BIRD, Caroline. *Born female*. New York: Pocket Books, 1969.
- CHANEY, Elsa M. *Supermadre, La mujer dentro de la política en América Latina*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- CORREA, Marisa. *Repensando a Família Patriarcal*. In: *Colcha de Retalhos*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FLORA, Cornelia Butler. *The passive female and social change: a cross-cultural comparison of women's magazine fiction*. In: PESCATELLO, Ann (ed.). *Female and Male in Latin America*. University of Pittsburgh Press, 1973. pp. 59-87.
- FRIEDMAN, Betty. *The feminine mystique*. 10th ed., New York: Dell Publishing 1974.
- GORNICK, Vivian e MORAN, Barbara K. (eds). *Woman in sexist society, studies in power and powerlessness*. New York: Basic Books, 1971.
- HARNER, June. *Emancipating the Female Sex, the struggle for Women's Rights in Brazil, 1850-1940*. Durham: Duke University Press, 1990.
- JAQUETTE, Jane S. "Literary archetypes and female role alternatives: the woman and the novel in Latin America." In: PESCATELLO, Ann (ed.). *Female and Male in Latin America*. University of Pittsburgh Press, 1973. pp. 3-29.
- KLEINBERG, S. Jay (ed.). *Retrieving Women's History: changing perceptions of the role of women in Politics and Society*. Oxford: Berg Publishers Limited, 1988.
- KUZNESOF, Elizabeth Anne, *Sexuality, Gender and the Family in Colonial Brazil*. *Luzo-Brazilian Review*, vol. 30, nº 1, summer 1993, pp. 119-132.
- KUZNESOF, Elizabeth Anne. *Household economy and urban development, São Paulo 1765-1836*. Boulder: Westview Press, 1986.
- LAVRIN, Asunción (ed.). *Latin American Women*. Westport e Green-Wood Press, 1978.
- MILLER, Francesca. *Latin American Women and the search for Social Justice*. London: University Press of New England, 1991.
- NAZZARI, Muriel. *Disappearance of the Dowry*. Stanford: Stanford University Press, 1991.
- O' BRIEN, Mary. *Reproducing the world: Essays in Feminist Theory*. Boulder: Westview Press, 1989.
- OAKLEY, Ann. *Women's work, the housewife, past and present*. New York: Vintage Books, 1974.
- PERROT, Michele. *Os Excluídos da História*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- PESCATELLO, Ann. *The Brasileira: images and realities in the writings of Machado and Jorge Amado*. In: PESCATELLO, Ann (ed.). *Female and Male in Latin America*. University of Pittsburgh Press, 1973, pp. 29-58. pp. 13-38

- ROWBOTHAM, Sheila. *Hidden from History*. New York: Vintage Book, 1976.
- RUSSELL-WOOD, A. J. R. "Women and Society in Colonial Brazil." *Journal of Latin American Studies*, nº 9.
- SAMARA, Eni de Mesquita, "La mujer en la historiografía latinoamericana reciente". In: SANCHEZ, Jorge Nuñez (ed.). *Historia de la Mujer y la Familia*. Quito: Ed. Nacional/ADHILAC, pp. 153-170.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. 4ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *As Mulheres, o Poder e a Família*. São Paulo: Marco Zero, 1989.
- SAMARA, Eni de Mesquita. "Feminism, social justice and citizenship in Latin America". *Journal of Women's History*, vol. 6, nº 2, Summer. pp. 135-143.
- SCOTT, Joan W. "Gender: a useful category of Historical Analysis." *American Historical Review*, 91:5, Dec. 1986.
- STEVENS, Evelyn. "Marianismo: the other face of machismo in Latin America". In: PESCATELLO, Ann (ed.). *Female and Male in Latin America*. University of Pittsburgh Press, 1973. pp. 89-103.
- STONE, Lynn. *From the House to the Streets, the Cuban Woman's Movement for Legal Reform, 1898-1940*. Durham: Duke University Press, 1991.
- TILLY, A. Louise and SCOTT, Joan W. *Women, work and family*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1978.